

Grupos políticos de direita e a participação nas eleições de 2018

Paulo Roberto Spina¹

287

Resumo: Este artigo analisa os grupos políticos ligados a pautas e setores da direita brasileira contemporânea, na sua distribuição territorial, identificando estratégias de enraizamento socioespacial e as conexões entre as manifestações e as eleições de 2018. A partir de uma pesquisa que identificou grupos políticos com pautas de direita que realizaram protestos a partir do ano de 2013 no Brasil foi possível aprofundar, entre estes, suas conexões com as eleições. O resultado é um mapeamento detalhado sobre quem são os grupos políticos da direita brasileira contemporânea, divididos em grupos nacionais com atuação em diversas localidades, grupos com pautas nacionais, grupos estaduais e grupos locais.

Palavras-chave: Eleições; Grupos políticos; Movimentos sociais; Direita.

¹ Mestre pelas ciências sociais na Unifesp, doutorando no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades - FFLCH-USP. - ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3494-0941> E-mail: prscontato@yahoo.com

1. Introdução²

Os grupos políticos que realizam manifestações nas ruas tiveram impacto sobre o contexto político nesta última década, não apenas os denominados movimentos progressistas, mas também os movimentos conservadores mostraram força, sendo de grande relevância pesquisas sobre estes movimentos (PLEYERS, 2019, p. 122). No período recente, também no Brasil, estes grupos políticos que expressaram ideologias identificadas como conservadoras impactaram o contexto político com protestos nas ruas e participação nas eleições.

O problema que orienta este texto é a compreensão sobre a distribuição dos grupos ligados a pautas e setores da direita no território nacional, identificando as diferenças estratégicas de enraizamento socioespacial e como estes foram convertidos ou não em estrutura de campanha nas eleições de 2018. Considerando que “direita” é um termo relacionado sempre com aspecto conjuntural, apesar das conexões históricas e ideológicas. Este mapeamento envolve a compreensão dos níveis políticos de engajamento nacionais, estaduais e locais.

288

O contexto político brasileiro com sua história recente de polarização política nas campanhas de protesto e nas eleições de 2018 faz com que estudos que busquem compreender as formas de organização política e suas conexões eleitorais tornem-se relevantes.

O setor conservador conformou ao longo do período recente de polarização, principalmente entre 2013 e 2018, um campo político à direita do espectro político brasileiro, com o surgimento de novos grupos políticos e, também, reposicionando antigos grupos identificados com a direita, constituindo o objeto deste mapeamento. Para este artigo nos interessa fazer um corte sincrônico no tempo, privilegiando o mapeamento dos grupos e das suas principais ações no período anterior, durante e imediatamente posterior às eleições de 2018.

Ao analisar grupos políticos de direita, em todo território nacional, este artigo faz a escolha de não posicioná-los de antemão a partir do termo conceitual “nova direita” que ganhou força em algumas análises sobre este campo político.

² Este artigo é resultado de parte da minha pesquisa de doutorado em andamento referente à conexão entre ciclos de protestos e as eleições.

Mesmo considerando que, segundo Cepêda (2018), o termo “nova direita” exprime um novo cenário, alvos e meios de atuação e que existem inúmeras diferenças entre eles e que a “nova direita”, segundo Codato, Bolognesi, Roeder (2015), conserva posturas da velha direita, tal designação sugere e evidencia uma suposta dinâmica processual homogênea e não uma multiplicidade de ações coletivas com histórico de interações diferentes verificadas na pesquisa.

Nas seções a seguir teremos um balanço bibliográfico sobre a conexão entre protestos e eleições, a evolução dos confrontos políticos à direita no Brasil, o contexto de confrontos políticos antecedentes as eleições de 2018, a metodologia do estudo com a descrição dos grupos mapeados e, por fim, uma análise das diferentes estratégias socioespaciais e eleitorais dos grupos.

2. Protestos e eleições

289 A análise dos grupos políticos de direita e as conexões realizadas entre protestos e eleições partem dos conceitos da Teoria do Confronto Político (MCADAM; TARROW; TILLY, 2001), no qual a abordagem é relacional, desta forma, considerando não apenas as ações dos determinados grupos, mas suas interações com uma diversidade de atores: entre os próprios grupos; com o Estado e suas instituições políticas, com os grupos de contra movimento; com grupos e governos estrangeiros; com o público em geral; com meios de comunicação; com partidos políticos e eleições (TARROW, MCADAM, 2011, p. 20).

Segundo Mcadam e Tarrow (2011), os estudos de instituições políticas e movimentos sociais foram marcados por divisões teóricas em que as análises destes fenômenos seguem trajetórias paralelas que pouco dialogam. Charles Tilly, em *Contentions e Performances* (2008), rejeita a perspectiva acadêmica de insulamento dos movimentos sociais numa estreita divisão e os coloca em interação com a política institucional por identificar uma constituição próxima, na qual, ambos os fenômenos se conectam e se influenciam mutuamente. O autor defendeu a necessidade de investigar de forma relacional múltiplas práticas políticas analisando mecanismos e processos.

O significado teórico de eleições e seu impacto nas dinâmicas de confronto como oportunidade política ou ameaça para grupos políticos envolvendo movimentos sociais foi pouco investigado pelos estudos eleitorais e, também, pelos estudos de movimentos

sociais. E nas próprias formulações iniciais dos autores da Teoria do Processo Político, não havia menções desta conexão (MCADAM e TARROW, 2011, p.23).

Para este artigo nos interessa aprofundarmos nas cambiantes formas de organização dos grupos políticos nos diferentes momentos de atuação, principalmente, nas suas variações e conversões entre os momentos que determinados grupos privilegiam as ações coletivas de protesto e os momentos de campanhas eleitorais, indo além de perspectivas que separam de forma caricatural grupos supostamente de dentro e de fora da política (GOLDSTONE, 2003, p. 9). Desta maneira, considerando que existam diferentes possibilidades de relações destes grupos com o Estado, as instituições e as próprias campanhas eleitorais.

290 O conceito de repertórios organizacionais, abordado por Clemens (2010), possibilita analisarmos as interações destes grupos políticos com as instituições de uma maneira processual, reconhecendo que o mundo social disponibiliza múltiplos modelos de organização, substituindo processos analíticos que fazem uma separação estanque da dinâmica organizacional dos grupos políticos na qual a atuação nos protestos estaria apartada de uma atuação nas instituições, assim como, a atuação no processo eleitoral institucional estaria apartada de uma atuação por fora das instituições. A autora argumenta que os atores podem utilizar um repertório organizacional culturalmente disponível, para interpretar e agir em determinada situação recorrendo a modelos institucionais em campos institucionais diversos. Desta forma, ao invés de atribuir mudanças organizacionais dos grupos políticos a elementos externos, esta interpretação sugere que a ação política estratégica e a busca de identidades coletivas produzem migrações de modelos organizacionais, tornando-se constitutiva de campos institucionais mais amplos (CLEMENS, 2010, p.165 e166).

Uma análise dos grupos políticos a partir de sua fluidez e heterogeneidade organizacional deverá considerar que momentos de declarado confronto político ou momentos eleitorais não têm uma fronteira nítida para estes grupos e as próprias instituições na sociedade moderna foram idealizadas prevendo contradições, aumentando, desta forma, as variáveis de interações. (CLEMENS, 2010, p. 166 e p.180).

Segundo Borbáth e Hutter (2020) explicações sobre mudanças nas formas organizacionais e nos repertórios de ação desconsideram que partidos políticos parecem embaçar cada vez mais as linhas entre política eleitoral e política de protestos e

que tais limites fazem parte de usos estratégicos e interdependentes da mobilização de protestos por parte de políticos. Em outro estudo, Hutter e Borbáth (2019), sugerem que desafiantes de esquerda e direita têm padrões e lógicas diferentes quando se trata da interação entre as arenas de protesto e eleitoral, mas estudos tendem a negligenciar a existência de diferentes canais de mobilização. Advertem que não se pode deduzir a dinâmica do conflito em uma arena com base na dinâmica em outra arena.

Nos eventos rotineiros das campanhas eleitorais, onde grupos políticos competem pelo acesso ao Estado, diferentes táticas de mobilização e convencimento são utilizadas, inclusive ações coletivas contestatórias relacionadas com protestos e performances. Aparentemente, esse tipo de repertório organizacional com mobilizações entre movimento/partido, antes monopolizada pelos grupos à esquerda, parece ter sido apropriada pelos grupos políticos à direita no Brasil.

3. Evolução dos confrontos políticos à direita no Brasil

291 Um marco de aprofundamento da polarização política brasileira foi o ciclo de protesto de junho de 2013. Segundo Solano, Ortellado e Moretto(2017), os protestos de junho de 2013 foram um momento importante de inflexão da história brasileira na qual convergiram nas ruas grupos autonomistas, a esquerda clássica e grupos que já utilizavam a estética nacionalista (SOLANO, ORTELLADO e MORETTO, 2017, p.5). Foi com a disseminação dos protestos após a desmedida repressão policial do dia 13 de junho de 2013 que ocorreu uma diversificação dos grupos e pessoas nas ruas. Segundo Alonso (2017), esta ampliação trouxe para os protestos pessoas sem ativismo prévio, mas que recuperaram simbologias, cores e músicas nacionalistas de grandes mobilizações históricas do país – “Fora Collor” (1992) e nas “Diretas Já” (1984) – atualizando o ativismo com características e símbolos patrióticos (ALONSO, 2017, p.49 e p.52).

O ciclo adquiriu, segundo Alonso (2017), a forma de mosaico com três setores separados pelas agendas e formas de mobilização – os autonomistas, os socialistas e os patriotas – disputando o processo de mobilização. Destaca-se como emblemático o conflito destes setores que resultou em agressões, no dia 20 de junho de 2013, em plena Avenida Paulista. A autora enfatiza, ainda, que no mês seguinte, em julho de 2013, as mobilizações contra o programa “Mais Médicos”

ativaram este setor patriótico, ampliando uma perspectiva antipetista que já estava presente. Segundo Alonso (2017), neste processo político, potencializado pelo contexto da Operação Lava Jato – que teve início em março de 2014 – surgiram 43 grupos dando organicidade para as mobilizações que em comum traziam o patriotismo e a pauta anticorrupção (ALONSO, 2017, p. 54).

As eleições de 2014 possibilitaram aos manifestantes heterogêneos que ocupavam a mesma rua em junho de 2013 a oportunidade, segundo Nobre (2016), de escolher entre duas calçadas representadas pelas candidaturas que disputaram o segundo turno. Logo após o pleito eleitoral de 2014, as relações recentes dos grupos políticos da direita brasileira e as eleições passaram pelo questionamento da lisura das eleições para a presidência da república, com manifestações impulsionadas pelas páginas de três grupos principais – segundo Baron e Luz – “Movimento Brasil Livre” (MBL), “Movimento Endireita Brasil” (MEB), “Vem pra Rua” (VPR). Estes questionamentos constituíram o campo de luta pelo impeachment e fizeram com que grupos diferentes atuassem com uma narrativa semelhante e uma agenda coordenada (BARON e LUZ, 2018, p.370 e p. 378).

292

Foram diversas manifestações iniciadas em novembro – logo após as eleições de 2014 – organizadas por estes setores à direita já reivindicando a saída da presidenta Dilma que adentram no ano de 2015 com uma manifestação, em 15 de março, com expressiva participação popular, cerca de 1 milhão de pessoas em São Paulo – segundo a Polícia Militar. Posteriormente, aconteceu a marcha de São Paulo até Brasília liderada pelo MBL, mas pouco noticiada pela mídia e com poucas adesões (ROCHA, 2018, p. 169). Segundo Baron e Luz (2018), durante o processamento da denúncia envolvendo Dilma Rousseff, foram realizadas seis grandes manifestações em capitais brasileiras.

Segundo Avritzer (2017), o campo participativo hegemônico pelo Partido dos Trabalhadores (PT) desde o início do período da democratização em 1985 foi polarizado a partir dos protestos de junho de 2013 e, posteriormente, hegemônico pela classe média, assumindo o controle do campo participativo no Brasil (AVRITZER, 2017, p.46).

Para Rocha (2018), depois do pico da campanha pró-impeachment, jovens militantes até então desconhecidos, passaram a angariar apoio dominante e candidataram-se nas eleições municipais de 2016. O MBL lançou 44 candidaturas

ligadas ao grupo por diversos partidos, mas principalmente pelo DEM e pelo PSDB. Elegeram-se 8 candidatos, sendo 4 pelo PSDB, 1 pelo DEM, 1 pelo PR, 1 pelo PV e 1 pelo PPS. A direita tida como envergonhada, segundo Quadros e Madeira (2018) – pela sua ligação com o regime civil militar – passou a ser algo do passado, mas ainda não tinha se unificado em torno de um projeto comum.

4. Confrontos políticos antecedentes as eleições de 2018

293 Para um aprofundamento no contexto de confrontos políticos que precedem as eleições de 2018, se fez necessária uma análise processual e relacional envolvendo tanto o governo federal presidido por Michel Temer quanto o próprio período eleitoral de 2018. Desta forma, foi realizada a organização de um banco de eventos de protesto com uma amostra composta por coletas de notícias do portal G1 sobre os eventos de protestos nacionais relativas ao período entre 12 de maio de 2016 até 31 de dezembro de 2018. Em conjunto foi elaborada uma cronologia com as modificações no contexto político para remontar o processo de confronto político neste período, dividido analiticamente em: protestos do período do governo interino; disputas sobre as políticas de governo; categorias de trabalhadores em luta contra o governo; protestos ligados às eleições de 2018.

No período do governo interino de Michel Temer o ciclo de protestos pelo impeachment já estava na fase de descenso, sobretudo que por conta do próprio afastamento de Dilma com o aceite da denúncia. Os grupos políticos à direita que, apesar de diferenças, unificaram-se na pauta pelo impeachment, agora com Temer à frente da presidência, já não tinham a mesma disposição para ocupar as ruas. A resposta do campo oposto, liderado pelo PT, teve um alcance limitado e não foi exatamente de defesa de Dilma. A condição não apenas de governo interino, mas principalmente de governo indireto de Michel Temer, sem a legitimidade de um processo eleitoral encabeçando a chapa, trouxe uma condição de permanente questionamento por parte da sociedade ao seu governo. Desde os primeiros atos do governo interino de Michel Temer, já na reordenação dos próprios ministérios e suas nomeações, ou mesmo na falta delas, o questionamento político já acontecia através de manifestações no qual a palavra de ordem “Fora Temer” já estava presente.

Os embates que geraram protestos nacionais estavam ligados as propostas de reformas que limitava os gastos públicos por vinte anos, trabalhista e da previdência. Os estudantes foram os primeiros a se mobilizarem e em novembro de 2016 ocuparam mais de mil escolas e 172 universidades. No dia 8 de março aconteceram diversas manifestações de mulheres críticas, principalmente, a proposta de reforma da previdência. Na semana seguinte novos protestos aconteceram em todas as capitais e no Distrito Federal. Em São Paulo o evento teve discurso do presidente Lula, com a participação de 200 mil pessoas – segundo organizadores. O campo político mais à direita, defensor da Lava Jato e das reformas da previdência e trabalhista, reage a este cenário de confrontos políticos e volta às ruas no dia 26 de março de 2017 com protestos em 19 estados mais o Distrito Federal, mas com pautas como o fim do foro privilegiado, contra a corrupção e de apoio às reformas, mas sem apoiar declaradamente o governo.

294 Com aprovação da reforma trabalhista na Câmara dos deputados em 26 de abril, o governo de Michel Temer enfrenta mais um protesto no dia 28 de abril de 2017 – a chamada Greve Geral – com ações em todos os estados brasileiros e a participação de inúmeras categorias de trabalhadores. O governo reage buscando acelerar as reformas, todavia, no dia 17 de maio de 2017, ocorre a divulgação da gravação de uma conversa do presidente Temer com o empresário Joesley Batista, interpretada por analistas e pela imprensa como um aval do presidente para comprar o silêncio do ex-deputado Eduardo Cunha. Este acontecimento enfraqueceu o governo com a possibilidade de abertura de investigações.

Uma marcha para Brasília no dia 24 de maio organizada por centrais sindicais e coalizões mobilizam, segundo organizadores, mais de 150 mil pessoas. O protesto é marcado por repressão policial e por ações de depredação de prédios públicos. O governo reage decretando uma ação de garantia da lei e da ordem em Brasília, permitindo o uso das Forças Armadas. Com o histórico de efervescência do cenário político brasileiro em que ocorreram ciclos de protestos consecutivos, somados ao fortalecimento das manifestações, unidade das coalizões em torno do “*Fora Temer*” e o enfraquecimento do governo federal no primeiro semestre de 2017, havia um contexto de oportunidades políticas favoráveis para a irrupção de um novo ciclo de protestos pela deposição do presidente Michel Temer. Porém, os desdobramentos dos fatos políticos tiveram outros caminhos. O próximo protesto

ocorreu no dia 30 de junho de 2017 e foi nitidamente mais fraco que os eventos anteriores, sendo, então, o último evento desta sequência, não caracterizando o período como um ciclo. Michel Temer, mesmo enfraquecido, resistiu às denúncias e às pressões. Demonstrou que um presidente não necessariamente cai devido aos fatos, mas precisa ser derrubado pela escalonada dos confrontos políticos.

295 No primeiro semestre de 2018, com a prisão de Lula em abril, o campo socialista volta-se para a campanha Lula Livre que pouco atingia o governo federal. As contestações mais relevantes foram referentes às categorias de trabalhadores, sendo a mais expressiva a chamada greve dos caminhoneiros – que começou em 21 de maio e foi até o dia 1 de junho de 2018. Apesar de ficar conhecida como greve, a associação entre caminhoneiros e empresas foi uma característica performática diferente destes eventos de protesto que atingiram o governo federal que reagiu de maneira descoordenada, indicando perplexidade, paralisia e capitulação. Surgiu um contexto de oportunidades políticas para outros grupos, à esquerda e à direita. As ações coletivas difundiram-se para alguns setores, como para a categoria dos petroleiros – à esquerda – que lutavam pelo preço justo do gás de cozinha e do combustível e – à direita – para manifestantes que participavam dos bloqueios de caminhoneiros pedindo a intervenção militar.

O fim do processo político envolvendo a paralização dos caminhoneiros aconteceu no início de junho de 2018, em período relativamente próximo às eleições. Desta forma, não mais aconteceram confrontos políticos relevantes diretamente relacionados com o governo de Temer. O que aconteceu nas ruas, a partir da proximidade das eleições, foram protestos relacionados diretamente com a campanha eleitoral.

A eleição de 2018 teve características diferentes das anteriores com uma duração menor, o impedimento do financiamento empresarial aos candidatos e a constante influência das notícias falsas. O contexto político eleitoral foi impactado de um lado pelo indeferimento pelo TSE da candidatura do PT, do ex-presidente Lula, devido a ter sido condenado em segunda instância, o que levou à escolha de Fernando Haddad como candidato e, por outro, pelo atentado sofrido pelo então candidato Jair Bolsonaro, que levou uma facada no dia 6 de setembro de 2019.

Aconteceram protestos, um fim de semana antes do primeiro turno das eleições, com o objetivo de influenciar as campanhas eleitorais. Estes protestos

denominados “*Ele Não*” foram organizados por grupos políticos de mulheres e aconteceram em 114 cidades do país, com o apelo para as pessoas não votarem em Bolsonaro. No mesmo fim de semana ocorreu a reação dos grupos políticos que apoiavam Bolsonaro, que organizaram eventos de protesto em 70 cidades exaltando o candidato. A disputa para influenciar as urnas através das ruas continuou no segundo turno, com a reedição destes protestos um fim de semana antes da eleição que definiria o presidente do Brasil no próximo período. As conexões entre os protestos e as eleições tornam-se evidentes na campanha presidencial de 2018 no Brasil. Bolsonaro foi eleito presidente na Coligação Brasil Acima de Tudo, Deus Acima de Todos (PSL-PRTB) com 55,13% dos votos válidos – segundo o TSE – ganhando do seu adversário Fernando Haddad do PT em todas as regiões, com exceção da Região Nordeste.

5. Metodologia do mapeamento dos grupos de direita

296 Um mapeamento dos grupos políticos de direita responde à necessidade de investigar de maneira relacional a atuação destes grupos políticos em ambas as arenas, sem, contudo, mantê-las em perspectivas analíticas separadas, entre eventos tidos como transgressivos ou rotineiros, observando que atores coletivos mobilizam diferentes táticas e performances em contextos diversos.

A metodologia deste estudo tem como objetivo elaborar uma cartografia dos grupos políticos que fazem parte do campo político à direita, possibilitando um aprofundamento da análise das tessituras organizacionais complexas destas organizações que sustentaram e influíram nas mudanças do cenário político brasileiro que culminaram com a vitória de Jair Bolsonaro nas eleições em 2018.

O detalhamento metodológico busca entender a difusão temporal e espacial dessas organizações e ampliar o foco para além das organizações mais estruturadas e com mais apelo midiático – localizadas nas metrópoles da região Sudeste – para analisar a capilaridade do fenômeno no território nacional.

No cenário político brasileiro existem múltiplas organizações políticas nas quais as pautas defendidas e as identidades ideológicas são variadas, complexas e, por vezes, difusas, exigindo uma maneira rigorosa para identificar grupos políticos que fazem parte do campo colocado à direita. Desta forma, a estratégia

metodológica utilizada foi a de levantar e organizar um banco de eventos de protesto com pautas ou demandas do setor à direita, verificando os grupos políticos organizadores.

Neste sentido, um primeiro passo foi o de identificar o campo ideológico considerado à direita por meio da escolha de palavras-chaves atreladas a este auto-posicionamento dos grupos ou relacionadas a demandas comumente associadas à direita. As seguintes palavras-chaves foram utilizadas: “direita”, “nova direita”, “liberais”, “conservadores”, “renovadores” (ou “renovação”), “autoritários”, “intervencionistas” (ou “intervenção militar”), “neonazistas”, “monarquia”. Somadas a estas palavras-chave foi feito um cruzamento com as seguintes palavras para localização de grupos e/ou eventos de protesto: “manifestante”, “movimento”.

297 A pesquisa foi realizada em um site de busca na internet (Google) selecionando especificamente matérias de um grande portal de notícias – o G1 – no intervalo entre janeiro de 2013 até janeiro de 2020 no Brasil, e foram verificados os primeiros cinquenta resultados. O período definido está relacionado com a irrupção de ciclos de protesto, a partir de 2013, no quais grupos políticos à direita tiveram participação.

A opção por uma plataforma virtual se justifica pela publicação diária de notícias, em tempo real, e por ser voltada à cobertura de fatos relacionados ao cotidiano urbano, favorecendo a cobertura de protestos. Outra vantagem desta fonte para a análise dos protestos é sua detalhada descrição de características dos protestos, com informações sobre quem são os organizadores, os locais e horários, assim como os motivos do confronto político. O portal G1, por manter cinco redações em capitais diferentes (Brasília, Recife, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo), possibilita uma verificação mais detalhada das organizações envolvidas em diferentes localidades.

O estudo está ciente desta escolha por apenas um portal não garantir uma variabilidade na descrição dos fenômenos e estar sujeito ao mesmo padrão editorial. Entretanto, foi considerado suficiente para a primeira fase metodológica de identificar grupos políticos organizadores dos protestos. Desta forma, todo o trabalho de busca foi sempre composto cruzando quatro tipos de palavras chaves:

“G1”; “Brasil”; palavra que identifica o campo ideológico à direita; palavra “movimento” ou “manifestante”.

Esta pesquisa faz a escolha de utilizar o termo “grupo político” para designar coletivos de pessoas com dinâmicas associativas que aparecem como organizadoras ou participantes das manifestações. Para o mapeamento obter o recorte de grupos com características contestatórias, não foram considerados os grupos identificados com outras formas de participação política como: partidos, sindicatos ou associações ligadas a uma categoria. Também foram descartados grupos artísticos, religiosos, de mídias ou que não foi encontrado referências sobre a existência da organização. Grupos que apenas realizam ações online também não foram registrados. A partir dos eventos de protesto e destes critérios foram identificados 61 grupos políticos.

298 Buscando superar a seletividade e a parcialidade das fontes, que é uma das desvantagens da metodologia de pesquisa a partir de eventos de protesto – segundo Tatagiba e Galvão (2019) – e também a partir da constatação que os grupos estaduais registrados utilizam o nome de cada estado associado à palavra “direita”, foi acrescentada uma etapa metodológica. Esta etapa consiste em uma busca na internet associando a palavra “direita” com o nome de cada estado brasileiro. Ao encontrar novos grupos foi verificado se haviam organizado ou participado de campanhas com protestos nas ruas. Mais 16 grupos de direita foram então acrescentados ao mapeamento

O passo seguinte foi aprofundar o entendimento sobre os grupos selecionados fazendo uma busca específica a partir do nome de cada grupo, identificando sites próprios ou páginas na rede social Facebook. Todas estas informações foram coletadas no mês de dezembro de 2019. Este detalhamento serviu para corrigir o viés jornalístico de não cobrir protestos menores organizados por grupos pequenos. Desta forma, outros 14 novos foram citados ou descobertos e foram acrescentados no mapeamento, totalizando 91 grupos políticos.

Com as informações do site ou página foram registradas as principais informações de cada grupo em um Banco de dados sobre Grupos de Direita (BGD)³

³ O BGD faz parte de minha pesquisa de doutorado.

contendo: descrição geral; identificação quanto a ser um grupo nacional, estadual ou local; nome de lideranças; se permite filiação; sobre a criação do grupo; data de criação da página na rede social Facebook; número de curtidas na rede social Facebook; e a partir dos itens desta rede social – eventos e fotos – foram identificadas lideranças e a participação eleitoral do grupo em 2018. Sobre a participação eleitoral foram identificados os candidatos apoiados e se o grupo fez campanha negativa. Segundo Steibel (2005), a campanha negativa é um conjunto de mensagens envolvendo o contexto de campanha com objetivo de associar conceitos negativos a uma campanha considerada adversária (Steibel, 2005, p. 113).

299 Importante destacar que a informação de criação da página do grupo na rede social Facebook foi considerada relevante por indicar de forma aproximada a data de criação do próprio grupo, mas não necessariamente a data exata. Desta forma foram coletadas também informações sobre o histórico do grupo na página ou em site do grupo coletando quando registrado a data de fundação. O número de curtidas foi colocado como uma variável para ser um parâmetro sobre a influência dos grupos na rede social, sendo que tal plataforma, segundo Solano, Ortellado e Moretto (2017) é a plataforma preferencial das pessoas mobilizadas para se informar sobre política (SOLANO, ORTELLADO E MORETTO, 2017, p.9).

A partir do aprofundamento dos dados do mapeamento também foram levantados os grupos que tiveram ações coletivas que visavam impactar as eleições, mas que não se organizaram para as manifestações nas ruas. A não presença destes grupos nos protestos dificultou a identificação destes quanto a suas ideologias porque, em geral, as pautas não estavam colocadas com a partir de temáticas polarizadas. Desta forma, a escolha metodológica foi a de descartar os grupos claramente identificados com pautas tradicionais dos grupos de esquerda e descrever e analisar os demais grupos levantados.

6. Mapa dos grupos políticos de direita

A apresentação deste mapeamento engloba os grupos que foram identificados como organizadores ou participantes de protestos no campo ideológico considerado à direita. Foi realizada uma categorização destes grupos

considerando, principalmente, o nível de atuação, mas também formas de organização, resultando em quatro divisões analíticas: grupos políticos nacionais com atuação em diversas localidades; grupos políticos com pautas nacionais; grupos políticos estaduais; e grupos políticos locais.

Estes grupos expressam, segundo Baron e Luz (2018), uma das maiores novidades no contexto político brasileiro recente, pois uma característica em comum é que proclamam de forma afirmativa uma posição à direita do espectro político que anteriormente era visto como algo negativo (BARON; LUZ, 2018, p.8).

6.1 grupos políticos nacionais com atuação em diversas localidades

Tabela 1 - Grupos políticos nacionais com inserção em diversas localidades

NOME DO GRUPO POLÍTICO	Data de criação	Curtidas no Facebook	Envolvimento eleições de 2018	Realizou campanha negativa
Endireita Brasil	Maio/2006	690 mil	Sim	Sim
Movimento Nas Ruas	Julho/2011	900 mil	Sim	Sim
Vem Pra Rua	Outubro/2014	2 milhões	Sim	Sim
Movimento Brasil Livre	Novembro/2014	3 milhões	Sim	Sim
Movimento Avança Brasil	Fevereiro/2015	1 milhão	Sim	Sim
Movimento Conservador	Maio/2016	240 mil	Sim	Sim
Docentes pela Liberdade	Julho/2019	-	-	-

Fonte: Banco de Dados Grupos de Direita organizado pelo autor.

Essa categoria designa grupos que foram identificados as seguintes características em comum: organização e planejamento para atuar em pautas com repercussão nacional; inserção territorial em mais de um estado; atuação combinada entre pautas de relevância nacional e temáticas locais; capacidade de captar recursos; estruturas de comunicação e mobilização mais relevantes.

As principais demandas que estes grupos protestam estão relacionadas com questões de abrangência nacionais, como a demanda pelo impeachment da presidente Dilma Rousseff ou o fim do foro privilegiado. Desta forma, parte significativa dos seus alvos e das suas interações está em estruturas federais como o Governo Federal, o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal.

Na maioria dos grupos a inserção territorial ocorre em Estados de todas as regiões do Brasil, sendo a capilaridade territorial um diferencial desta categoria

que fortalece uma perspectiva de atuação combinada entre confrontos nacionais e locais, que podem estar ligados ou não entre si.

Estes grupos organizam-se para solicitar recursos de simpatizantes, com registro de filiados e campanhas permanentes de arrecadação de recursos através de sites e de suas influentes redes sociais com milhões ou milhares de curtidas. Estas redes também são utilizadas para recrutar membros e atrair número para os eventos de protesto.

Estas características possibilitam que estes grupos sejam mais conhecidos, atraindo mais atenção da mídia e, também, dos estudos acadêmicos.

Sobre a data de criação é possível identificar grupos formados antes e após o ciclo de protestos de junho de 2013. Os anteriores são o “Endireita Brasil” que é mais antigo, de maio de 2006 e o “Movimento Nas Ruas” que foi criado em julho de 2011. Os grupos criados após junho de 2013 são: o “Vem pra Rua (VPR)”, criado em outubro de 2014; o “Movimento Brasil Livre” (MBL), criado no dia 1 de novembro de 2014; o “Movimento Avança Brasil”, criado em fevereiro de 2015; o “Movimento Conservador”, que é uma continuidade de “Movimento Direita São Paulo”, este criado em maio de 2016. Apenas o “Docentes pela Liberdade” foi criado pós-eleições de 2018, em julho de 2019.

Sobre a relação destes grupos com o ciclo eleitoral de 2018 é possível destacar que todos lançaram ou apoiaram candidatos nas eleições.

O grupo “Vem pra Rua” poderia ser formalmente uma exceção já que nos seus princípios afirma que não intervém em eleições, que é suprapartidário, porém criaram uma “Frente pela Renovação” que é um projeto com outros grupos para dar visibilidade a futuros congressistas comprometidos com sua agenda e lançou sua principal liderança e figura pública – Rogério Chequer – que se afastou temporariamente do grupo, para ser candidato a governador de São Paulo em 2018.

Os demais grupos apoiaram de forma declarada candidatos ou mesmo lançaram candidatos do próprio grupo. O “Movimento Conservador” lançou e elegeu um dos seus fundadores a deputado estadual em São Paulo – Douglas Garcia – e apoiou também o candidato a presidente Jair Bolsonaro. No início de 2020, foi um dos grupos mais empenhados em viabilizar a criação do novo partido de Bolsonaro conhecido como Aliança pelo Brasil.

O “Movimento Brasil Livre” – que já havia participado intensamente das eleições em 2016 com 44 candidaturas, sendo 8 eleitas – lançou, no pleito de 2018, 16 candidatos por 9 partidos. Da linha de frente de coordenadores do grupo, elegeu como deputado federal a principal figura pública do grupo - Kim Kataguiri e, também, Arthur Moledo, conhecido pelo pseudônimo Mamei Falei, a deputado estadual em São Paulo.

O “Movimento Avança Brasil” e o “Movimento Nas Ruas” apoiaram declaradamente a candidatura de Jair Bolsonaro. Este último também lançou sua fundadora – Carla Zambelli – a deputada federal. Ela foi eleita pelo PSL – mesmo partido pelo qual Bolsonaro se candidatou.

O envolvimento do “Movimento Endireita Brasil” nas eleições se deu através da candidatura da principal liderança do grupo Ricardo Salles pelo Partido Novo. Ele não foi eleito, mas participa do governo de Jair Bolsonaro como ministro do Meio Ambiente do Brasil⁴. Possivelmente este movimento e sua figura pública estavam atravessando um momento de reposicionamento político no período que engloba as eleições de 2018, pois anteriormente Ricardo Salles fazia parte do partido DEM e era Secretário do Meio Ambiente de Geraldo Alckmin, que também foi candidato a presidente.

302

Uma característica comum da participação de todos estes grupos no contexto das eleições de 2018 foi à realização de campanha negativa atingindo principalmente o Partido dos Trabalhadores e seus candidatos.

6.2 Grupos políticos com pauta nacional

Tabela 2 - Grupos políticos com pautas nacionais

NOME DO GRUPO POLÍTICO	Data de criação	Curtidas no Facebook	Envolvimento eleições de 2018	Realizou campanha negativa
Revoltados On Line	2004		Sim	Sim
Movimento Brasil Melhor	Fevereiro/2011	130 mil	Sim	-
Movimento De Restauração Da Monarquia No Brasil	Dezembro/2012	55 mil	-	-
Movimento Direita Vive	Novembro/2013	600 mil	Sim	Sim
Mulheres Intervencionistas Do Brasil	Dezembro/14	34 mil	-	-

⁴ Ministro até pelo menos a escrita deste artigo em fevereiro de 2020.

Intervencionistas Independentes S.O.S	Fevereiro/2015	2700	Não	Não
S.O.S. Forças Armadas	Março/2015	1500	Não	Não
Movimento Civil XV De Março	Março/15	13 mil	-	-
Movimento Acorda Brasil	Maior/2015	90 mil	Sim	Sim
Movimento Brasil Online	Dezembro/2015	6 mil	-	-
Livres	Janeiro/2016	166 mil	Sim	
Movimento Brasil Real (Monarquistas)	Agosto/16	20 mil	Sim	Sim
União Nacionalista Democrática	Outubro/2016	250	-	-
Movimento Brasil Conservador	Setembro/2018	36 mil	Sim	Sim
Movimento Unidos Pelo Brasil	-	100	-	-
Adeptos Da Intervenção Constitucional Das Ffaa	-	-	-	-
Movimento Direita Digital,	-	-	-	-

Fonte: Banco de Dados Grupos de Direita organizado pelo autor.

303

Esta é categoria mais heterogênea em que foram descritos os grupos que se organizaram e atuaram a partir de pautas nacionais, mas não foram identificadas estruturas territoriais. Muito destes grupos realizaram suas ações a partir de uma rede social ou de uma determinada localidade sem uma estrutura orgânica.

O grupo “Revoltados On Line” talvez seja o mais emblemático desta categoria de grupos que combinam a nacionalização das pautas com uma concentração em numa localidade específica e, no caso deste grupo, virtual. A página do grupo foi administrada pela sua principal liderança Marcello Reis, e contava com mais de 2 milhões de seguidores, mas foi retirada do ar em agosto de 2016 pelo próprio Facebook, dificultando a existência do grupo que baseava suas ações nesta influência digital. O grupo apoiou a candidatura de Bolsonaro presidente e lançou – pelo mesmo Partido Social Liberal (PSL) – sua figura pública Marcello Reis a deputado estadual, mas ele não foi eleito, tendo menos que dez mil votos.

Alguns grupos desta categoria também surgiram no contexto político posterior aos protestos de junho de 2013, como mostra a tabela 2. Um exemplo é o grupo “Direita Vive”, com sua página criada em novembro de 2013, conta com mais de 600 mil curtidas. Este grupo fez campanha para Bolsonaro presidente e campanha negativa para o Partido dos Trabalhadores.

Entre estes grupos com pautas nacionais existem alguns com baixa influência digital, provavelmente fruto de iniciativas pessoais isoladas que foram abandonadas.

Parece este ser o caso da “União Nacionalista Democrática” e o “Movimento Unidos pelo Brasil” ambos sem envolvimento eleitoral em 2018. No contexto político de protestos pelo impeachment de Dilma Rousseff surgiram alguns grupos como o “Movimento Civil XV de março”, que surgiu em março de 2015, fazendo a referência a um dos grandes protestos deste campo. Este grupo tem mais de 13 mil curtidas em sua página no Facebook, mas não apresentou envolvimento direto nas eleições, provavelmente indicativo de abandono de uma ação sustentada enquanto grupo.

Neste conjunto de grupos com pautas nacionais se enquadram também alguns grupos defensores declarados da monarquia como o “Movimento de Restauração da Monarquia no Brasil” e o “Movimento Brasil Real”. O primeiro tem quase 55 mil curtidas em sua página na rede social Facebook e não teve engajamento nas eleições de 2018. O “Movimento Brasil Real”, que conta com mais de 20 mil curtidas, é liderado por Luiz Philipe de Orléans e Bragança – bisneto da princesa Isabel, faria parte da linha sucessória se o Brasil fosse uma monarquia. Ele foi eleito deputado federal, fez campanha para Bolsonaro e campanha negativa para o PT. O “Movimento Acorda Brasil” apesar de se colocar como liberal conservador, apoiou esta candidatura de Bragança, assim como fez campanha de Bolsonaro e fez campanha negativa para o PT. Outros grupos seguiram este padrão de campanha para Bolsonaro presidente e campanha negativa para o PT, como o “Movimento Brasil Melhor”, o “Movimento Brasil On Line” e o “Movimento Brasil Conservador”.

304

Entre os grupos com pautas nacionais estão os defensores de intervenções militares: “Mulheres Intervencionistas do Brasil; o “Intervencionistas Independentes SOS”; o “SOS Forças Armadas”; e o grupo “Adeptos da Intervenção Constitucional das FFAA”. Estes grupos tendem a desacreditar e criticar o próprio rito das eleições e pelas divulgações dos próprios grupos não foi identificado nenhum envolvimento eleitoral deles em 2018.

Um dos grupos desta categoria, mas com características e trajetória diferente dos demais é o grupo denominado “Livres”. Eles são declaradamente liberais economicamente e também nos costumes. Segundo o próprio grupo defendem pautas que são tanto liberais à direita quanto liberais à esquerda. A trajetória deste grupo foi profundamente influenciada pelo contexto político envolvendo as eleições de 2018. Ele surgiu como um grupo de pessoas participantes do PSL que buscavam inovar e renovar o partido pela base. Foram

surpreendidos com a filiação de Jair Bolsonaro em março de 2018, defendendo liberalismo econômico, mas conservadorismo nos costumes. Para o grupo esta foi uma rasteira dos dirigentes do partido, quebrando acordo anterior; desta forma, os integrantes do grupo saíram do partido e se constituíram como um grupo suprapartidário que presta suporte para o desenvolvimento de lideranças, faz formulações de políticas públicas, realiza ações de ativismo – como a participação na Marcha da Maconha – e executa projetos de impacto social.

6.3 Grupos políticos estaduais de direita

Foram considerados como grupos estaduais aqueles em que o nome do grupo ou suas principais pautas se referiam a um determinado estado do Brasil. Atualmente existem grupos de direita em todos os estados brasileiros. A associação do termo “direita” com o nome do Estado é a nomeação mais comum entre os grupos. A partir desta informação, a hipótese inicial era de que estes grupos estavam articulados organicamente ou como parte de um mesmo grupo nacional ou compartilhando uma forma federativa de organização. Entretanto, ao se aprofundar em cada grupo, foi possível perceber que cada grupo estadual é independente em relação a grupos com a mesma nomenclatura em outro estado e também entre grupos no interior do próprio estado, recebendo apenas a influência através de uma difusão de agendas, pautas, símbolos e formatos.

Os grupos no estado de Santa Catarina, na Região Sul do Brasil, exemplificam esta questão sobre a não articulação nacional e estadual, pois somente neste local existem quatro grupos com nomenclaturas semelhantes, sem fazer parte de um único movimento: “Direita Santa Catarina”, “Movimento Direita SC”, “Direita Santa Catarina” e “Movimento Direita Catarinense”.

Diante da não articulação orgânica destes grupos em uma única organização ou em alguma forma de coalizão e sua inserção territorial em Estados da Federação com características políticas, econômicas e sociais muito diferentes entre si a hipótese era de atuações heterogêneas destes grupos, com dificuldades em ter um único padrão compartilhado. Entretanto a pesquisa constatou uma significativa correspondência nas atuações dos grupos na qual os pontos em comum são: a participação nas eleições de 2018, tornando-se estruturas de

mobilização para campanha eleitoral de Jair Bolsonaro presidente; e campanha negativa para o PT.

Tabela 3 - Grupos políticos estaduais da região Sul

NOME DO GRUPO POLÍTICO	Data de criação	Curtidas no Facebook	Envolvimento eleições de 2018	Realizou campanha negativa
La Banda Loka Liberal	Março/2015	60 mil	Sim	Sim
Direita Santa Catarina	Maio/2016	1200	Sim	Sim
Direita Paraná	Novembro/2016	66 mil	Sim	Sim
Movimento Direita Gaúcha	Fevereiro/2017	16 mil	Sim	Sim
Direita Santa Catarina (DSC)	Maio/2017	18 mil	Sim	Sim
EnDireita RS	Janeiro/2018	12 mil	Sim	Sim
Movimento Direita Catarinense	Outubro/2018	12 mil	Sim	Sim
Movimento Direita SC	Fevereiro/2019	19.500	-	-

Fonte: Banco de Dados Grupos de Direita organizado pelo autor.

306

Na região Sul os grupos dos Estados de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul tiveram o mesmo padrão eleitoral. Destaco a atuação do “Movimento Direita Paraná” que além deste padrão realizou ações como mutirão de limpeza, de supostas pichações de protesto de estudantes e, de forma semelhante a alguns grupos nacionais estruturados, fez campanha de arrecadação de recursos e recrutou voluntários para serem lideranças do grupo em cidades do estado.

No Rio Grande do Sul, o grupo com o formato de banda “La Banda Loka Liberal” tinha além da adesão à campanha Bolsonaro algumas características diferentes como o próprio formato que juntou irreverência, música, humor, protesto e eleições. Na sua descrição diz: “O bloco de rua da zoeira capitalista e opressora. Vem magoar socialistas com a gente!”. Uma de suas letras diz: “somos a banda liberal que desestatiza empresa estatal” e em muitas outras aparecem constantemente críticas ao PT.

Tabela 4 - Grupos políticos estaduais da região Sudeste

NOME DO GRUPO POLÍTICO	Data de criação	Curtidas no Facebook	Envolvimento eleições de 2018	Realizou campanha negativa
Juntos pelo Brasil	Junho/2013	640 mil	Sim	Sim
Patriotas Brasil	Dezembro/2014	21 mil	Sim	Sim
Direita Capixaba	Novembro/2015	21 mil	Sim	Sim
Direita Minas	Julho/2017	135 mil	Sim	Sim

Direita RJ	Maio/2017	55 mil	Sim	Sim
-------------------	-----------	--------	-----	-----

Fonte: Banco de Dados Grupos de Direita organizado pelo autor.

Na região sudeste aconteceu o mesmo padrão mencionado em outros estados. Uma diferença sobre o estado de São Paulo é a disputa entre os grupos deste mesmo campo, já que parte significativa dos categorizados como nacionais ou com pautas nacionais têm atuação no estado. Um exemplo de grupo com capilaridade no estado é o atual “Movimento Conservador” (que anteriormente se denominava “Direita São Paulo”), que segundo o próprio grupo tem atuação em 50 cidades do estado. No Espírito Santo destaco a performance do movimento “Direita Capixaba” que criou três edições do evento nomeado de forma intrigante “Adesivação Opressor”, mas que se tratava de colar adesivos da campanha Bolsonaro nos carros.

Tabela 5 - Grupos políticos estaduais da região Centro Oeste

NOME DO GRUPO POLÍTICO	Data de criação	Curtidas no Facebook	Envolvimento eleições de 2018	Realizou campanha negativa
Direita Goiás	Fevereiro/2016	20 mil	Sim	Sim
Direita Mato Grosso do Sul	Março/2016	2400	Sim	Sim
Direita Mato Grosso	Abril/2016	20 mil	Sim	Sim
Direita Brasília	Julho/2016	1200	Sim	-
Direita DF	Setembro/2018	1200	Sim	-

307

Fonte: Banco de Dados Grupos de Direita organizado pelo autor.

No Centro-Oeste há repetição da atuação eleitoral dos grupos. Por exemplo, no estado do Mato Grosso existe o grupo “Direita Mato Grosso” com um elemento que está presente em diversos outros grupos desta categoria que é um logotipo – com inúmeras variações – mas sempre com uma seta ou uma mão apontando para a direita. Tais símbolos semelhantes presentes sempre no perfil das diversas páginas dos diversos grupos indicam uma difusão horizontal de elementos simbólicos dos grupos desta categoria.

Tabela 6 - Dados sobre os grupos políticos estaduais da região Norte

NOME DO GRUPO POLÍTICO	Data de criação	Curtidas no Facebook	Envolvimento eleições de 2018	Realizou campanha negativa
Direita Amazonas	Fevereiro/2015	37 mil	Sim	Sim
Direita Rondônia	Janeiro/2016	28 mil	Sim	Sim

Endireita Pará	Julho/2016	21 mil	Sim	Sim
Direita Tocantis	Abril/2017	2400	Sim	Sim
Direita Amapá	Fevereiro/2018	1200	-	-
Direita Acre	Abril/2018	3500	Sim	Sim

Fonte: Banco de Dados Grupos de Direita organizado pelo autor.

Na região Norte segue o modelo semelhante exaltando a figura de Bolsonaro e criticando posicionamentos e pessoas do campo à esquerda. Entretanto, os grupos “Direita Acre” e “Direita Amapá” tiveram períodos de ausência de publicações nas suas páginas na rede social Facebook dificultando precisar seu envolvimento eleitoral, mas o que provavelmente reflete fragilidades dos próprios grupos.

Tabela 7 - Dados sobre os grupos políticos estaduais da região Norte

NOME DO GRUPO POLÍTICO	Data de criação	Curtidas no Facebook	Envolvimento eleições de 2018	Realizou campanha negativa
Acorda Maranhão	Junho/2013	2300	Sim	Sim
Estado de Direito	Junho/2014	-	-	-
Direita Pernambuco	Junho/2014	110 mil	Sim	Sim
Direita Paraíba	Outubro/2014	38 mil	Sim	Sim
Nordeste de Direita	Outubro/2014	10 mil	Sim	Sim
Direita Ceará	Dezembro/2014	5 mil	Sim	Sim
Direita Piauiense	Fevereiro/16	10mil	Sim	Sim
Maranhão contra a Corrupção	Março/2016	-	Sim	Sim
Força Direita RN	Agosto/2016	2 mil	Sim	Sim
Endireita Maranhão	Agosto/2016	50 mil	Sim	Sim
Grupo Direita Sergipana	Novembro/2016	17 mil	Sim	Sim
Direita Alagoas	Janeiro/2017	13 mil	Sim	Sim
Liberta Brasil	Março/2017	130 mil	Sim	Sim
Direita Piauí	Maio/2017	2500	Sim	Sim
União da Direita Maranhense	Julho/2017	107 mil	Sim	Sim
Direita Bahia	Fevereiro/2018	20 mil	Sim	Sim
Muda Brasil de Verdade	Agosto/2018	30 mil	Sim	Sim

Fonte: Banco de Dados Grupos de Direita organizado pelo autor.

Uma inovação verificada nos grupos do Nordeste foi a criação de um grupo da região como um todo e não de um estado em específico. Chama-se “Nordeste de Direita”, mas assim como os outros grupos da região, seguiu o mesmo modelo de envolvimento eleitoral.

6.4 Grupos políticos locais

A categoria de grupos políticos locais é formada por grupos que se identificam a partir do nome de um município ou que suas pautas estão voltadas para questões de determinada cidade. Através da metodologia foi possível identificar 13 grupos locais localizados na Região Sul e Sudeste que seguiram o padrão dos grupos estaduais de envolvimento na campanha de Bolsonaro nas eleições de 2018 e campanha negativa antipetista. O levantamento realizado a partir de notícias dos eventos de protestos é exíguo em relação à existência e ao detalhamento destes grupos locais, demonstrando a necessidade de aprofundamento da pesquisa.

7. Conclusão

309 A partir deste mapeamento da atuação dos grupos que fazem parte da direita contemporânea brasileira é possível verificar que o contexto político recente do Brasil foi de intensa atividade deste campo político com a criação de inúmeros grupos com uma distribuição em todo o território nacional e atuação em diferentes níveis políticos da federação.

Nos grupos nacionais há uma variedade maior nas formas de organização, pautas e nas conexões eleitorais. Já nos grupos estaduais e locais os grupos seguem um padrão, onde é possível visualizar um mesmo estilo de ativismo, com performances, símbolos, formas de organização e até mesmo de conexões eleitorais semelhantes.

A maioria dos grupos converteu estruturas de mobilização em estruturas de campanha. Esse processo de conexão dos protestos com as eleições aconteceu através de: campanhas negativas, lançando lideranças como candidatos ou apoiando, de forma explícita, um ou mais candidatos. É fundamental ressaltar como a geografia socioespacial dos grupos estaduais e locais determinou um padrão semelhante de envolvimento na campanha de Jair Bolsonaro para presidente da República e na campanha negativa contra o PT.

As diferentes categorias de grupos políticos à direita que se envolveram nas eleições de 2018 atestam por um lado uma diversidade organizacional deste

campo no ciclo eleitoral. Por outro lado, a não conexão estrutural dos grupos em uma organização ou coalizões, ao mesmo tempo em que exibem atuações seguindo um padrão, indicam a existência de processos de difusão que fazem parte do processo político do período, mas que necessitam de investigações e aprofundamentos para uma explicação mais detalhada.

8. Referências

ALONSO, A. A política das ruas. Protestos em São Paulo de Dilma e Temer. **Novos Estudos. CEBRAP**, São Paulo, v. especial, p. 49 -58, jun. 2017.

AVRITZER, L. Participation in democratic Brazil: from popular hegemony and innovation to middle-class protest. **OPINIÃO PÚBLICA**, Campinas, vol. 23, nº 1, p. 43-59, jan./abr. 2017.

BARON, L; LUZ, M. D. Redes sociais e mídia tradicional: disputa e articulação na significação do impeachment de Dilma Rousseff. **Revista de Ciências do Estado**, Belo Horizonte, v.3, n.1, p. 366-388, jan./jul. 2018.

310 _____ . Os novos movimentos de direita no Brasil e o discurso partidário: ambivalências e contradições. **Cadernos de Pesquisa Política**, n. 13. P. 1-29, 2016.

BORBÁTH, E.; HUTTER, S. Protesting Parties in Europe: A comparative analysis. **Party Politics**, Berlim, p. 1 -13, 2020.

CEPÊDA, Vera Alves. A Nova Direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, v. 23, n. 2, p. 40-74, 2018.

CLEMENS, E. S. Repertórios Organizacionais e mudança institucional: grupo de mulheres e a transformação da política nos EUA, 1890 – 1920. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n.3, p. 161 -218, jan./jul., 2010.

CODATO, A.; BOLOGNESI, B.; ROEDER, K. M. **A nova direita brasileira: uma análise da dinâmica partidária e eleitoral do campo conservador**. CRUZ, S. V.; KAYSEL, A.; CODAS, G. Direita, Volver! O retorno da direita e ciclo político brasileiro, p. 115-143, 2015.

GOLDSTONE, Jack A. **States, parties, and social movements**, Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HUTTER, S.; BORBÁTH, E. Challenges from left and right: the long-term dynamics of protest and electoral politics in Western Europe, **European Societies**, n. 21:4, p. 487-512, 2019.

HUTTER, S.; HANSPETER K.; JASMINE, L. **Social movements in interaction with political parties**. SNOW, D. A.; SARAH, A. S.; HANSPETER, K.; HOLLY, M. The Wiley Blackwell Companion to Social Movements. Oxford: Blackwell Publishing, 322-327, 2019.

NOBRE, M. 1988 +30. **Novos estudos**. **CEBRAP**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 135-149, 2016.

McADAM, D.; TARROW, S.; TILLY, C. **Dynamics of Contention**. Cambridge and New York: Cambridge University Press, 2001.

MCADAM, D; TARROW, S. Movimentos sociais e eleições: por uma compreensão mais ampla do contexto político da contestação. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 13, n. 28, p. 18-51, set/dez, 2011.

PLEYERS, G. Pensar los actores conservadores y capitalistas como movimientos sociales. **Revista de Estudios Sociales**, v. 67, p. 116-123, 2019.

QUADROS, M. P. R.; MADEIRA, R. M. Fim da direita envergonhada? Atuação da bancada evangélica e da bancada da bala e os caminhos da representação do conservadorismo no Brasil. **OPINIÃO PÚBLICA**, Campinas, v. 24, n. 3, set.- dez., p. 486-522, 2018.

311 ROCHA, C. **Menos Marx e mais Mises**: uma gênese da Nova Direita Brasileira (2006-2018). Tese (Doutorado em Ciência Política) – Departamento, Universidade de São Paulo, cidade, 2018.

SOLANO, E; ORTELLADO, P; MORETTO, M. **2016: o ano da polarização?** São Paulo. Friedrich-Ebert-Stiftung (FES) Brasil. 2017.

STEIBEL, F.; Campanha negativa: construindo o objeto de estudo. **Contemporânea**. v. 3, n. 2; p. 106-118, 2005.

TATAGIBA, L. ; GALVAO, A. Os protestos no Brasil em tempos de crise (2011-2016). **OPINIÃO PÚBLICA**. Campinas, vol. 25, nº 1, jan.-abr., p. 63-96. 2019

Tilly, Charles. **Contentious performances**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

RIGHT WING POLITICAL GROUPS AND PARTICIPATION IN 2018 ELECTIONS

Paulo Roberto Spina

Abstract: This article analyzes the political groups linked to guidelines and sectors of the contemporary Brazilian right in their territorial distribution, identifying socio-spatial rooting strategies and the connections between the demonstrations and the 2018 elections. Based on a survey that identified political groups with right-wing guidelines that held protests in 2013 in Brazil. It was possible to deepen, among these, its connections with the elections. The result is a detailed mapping of who are the groups of the contemporary Brazilian right, divided into national groups operating in several locations, groups with national agendas, state groups, and local groups.

Keywords: Elections; Political Groups; Social Movements; Right-wing

GRUPOS POLÍTICOS DERECHOS Y PARTICIPACIÓN EN LAS ELECCIONES DE 2018

Paulo Roberto Spina

Resumen: Este artículo analiza los grupos políticos vinculados a los lineamientos y sectores de los lineamientos brasileños contemporáneos, en su distribución territorial, identificando estrategias de arraigo socioespacial y las conexiones entre las manifestaciones y las elecciones de 2018. A partir de investigaciones que identificaron a los grupos políticos como lineamientos de Directo que las protestas comenzarán a partir del año 2013 en Brasil, se pudo profundizar, entre ellas, sus vínculos con las elecciones. El resultado es un mapeo detallado de los grupos políticos brasileños contemporáneos, divididos en grupos nacionales con localidades, grupos con lineamientos nacionales, grupos estatales y grupos locales.

Palabras clave: Elecciones; Grupos políticos; Movimientos sociales; Directo

312

Recebido em 15 de fevereiro de 2020
Aprovado em 03 de setembro de 2020